CLÁUDIO LOES

Sonho

Francisco Beltrão
Edição do Autor
2018

Sumário

O centro

A vida quadrada
Segue pela borda
E procura uma saída.

Segue em frente,
Mais uma letra,
Mais uma palavra,
O verso, a estrofe.

Continua beirando a mesmice.
Falta acreditar e pular.
O impossível é possível
Entre sonhos e tormentas.

Acredite mais uma vez,
O quadrado sempre será quadrado
Se você quiser.

Curve um pouco
E apare as arestas,
Uma virada e depois outra.

Busque o diferente,
Aquele ponto comum.
O centro!

Domingo

A madrugada vive
Após um sábado
De muitos encontros vazios.

Imagine como seria
Um encontro com o sol?

O amor e a vida.

Silêncio!

Fantasma

Poetisa fantasma
Que habita as linhas
Desta página amarelada
Sem sentido e quase rasgada

Passa o dia
Passa a noite
Não vejo
Não sei de você

Mesmo assim
Projeto na lembrança
Sua feição
Seu sorriso

Nada escapa das paixões
Elas vão e voltam
Dando movimento aos dias
Como você nos meus sonhos

Em toda parte

Em toda parte
Sigo seus passos.
Em meus devaneios
Você sempre está presente.

Pode ser aquela água,
Forte e pesada,
Caindo sobre nosso momento
E congelando o tempo.

Pode ser quando subiu os degraus
Para escolher a melhor posição
E iluminar com toda beleza
A superação de mais um desafio.

O relógio passa uma vez por dia
Na mesma hora que espero.
Cada segundo animado
Pelo seu sorriso cativante.

Antes que a vida perca seu viço
Quero sempre cantar este vício.
Ter você viva nas lembranças
É a única razão para viver.

Desejo

Quero abrir o laço
Do rosa vivo,
Das curvas sinuosas.
De medida justa.

Desfile impecável.
Todo o balcão vira
E até o chope transborda
Para não perder nada.

Pode ser rosa ou o que for,
Aquilo era muita areia
Para conter todo desejo,
Encapsulado na medida certa.

Espelho

Olho e não vejo,
Queria ser mais jovem,
Ridículo como todos
Da minha idade para mais.

Já pensou puxar aquele fio?
Dar a volta na cabeça,
Careca e lustrada,
Para ressuscitar a juventude?

Espelho das vaidades várias,
Do início do dia em promessas
E da noite em desespero
Para parecer melhor do que ontem.

Dizem que espelho quebrado dá azar.
Uma vantagem se ele quebrar,
Terá muitas imagens de mim
E serei invencível.

Ali está ele olhando,
Lembrando que tudo passa.
Eu mudei e ele continua o mesmo,
Um espelho com crise existencial.

Será sempre, somente um espelho
E eu poderei seguir feliz em frente,
Porque lá na solidão fúnebre
Não precisarei mais de um espelho.

Ser poeta

Aprendiz de feiticeiro
Que descobre as palavras mágicas
Para existir sem ser percebido
No vazio de sua solidão

Sonhar com as palavras
Sem ter medo do amanhã
Que corre pelo corpo
E arrepia quando imagina ser

Um encontro casual
Aquele sorriso na penumbra
Ficará para sempre
Mesmo que todas as luzes brilhem

Ser poeta é melhor
Para conhecer mundos estranhos
Encantamentos só descobertos
Pelos melhores navegadores

Daqueles neurônios teimosos
Esquecidos e reprimidos na infância
Nada mais precisa para viajar
Do que letras e palavras livres

Ainda que tudo desabe
Que os olhos se fechem para sempre
Permanece o encanto de mais um
Um verso, uma estrofe, um poema.

Triste sem você

A nota da música
Infinita geme
Na guitarra do tempo
Do qual quero fugir

Pode parecer pessimismo
Manter um sonho
Querer outra realidade
Fora do alcance das mãos

Deslizam as linhas
A tinta se esconde
Sofre com sua ausência
E aos poucos muda de ideia

O papel sempre pronto
A caneta teimosa quer continuar
Os acordes estão mudando
E juntos decidimos ser assim

Livres sem nada
Cheios de vontade
Para na poesia
Existir para sempre

Oh!

Caminho esquisito e tortuoso
Uma descida que suspirava a volta
Com uma paisagem perdida no tempo
Daquelas dobras insinuantes e sensuais

Tudo em silêncio e construções desabitadas
Alguns perus aqui e outros ali
Importa passar em silêncio para não assustar
O intruso deve passar despercebido

Muito verde e sombra
Que dava vontade de parar e deitar
Ficar ali na beira da estrada
Com todo o esplendor do entardecer

Paisagem estranha à vista
Uma curva fechada
O pontilhão seco e sem proteção
A passagem para algo muito melhor

O inesperado da natureza
Pedras roliças esperando a próxima chuva
Para seguir sua viagem rumo ao abismo
Da novidade por vir

Silêncio de causar tremor e calafrio
A copa refletida naquela água cristalina
O êxtase ficará guardado
Nada consegue apagar. Oh!

Sou

Sou aquele que escreve
Os versos que ninguém quer
As estrofes das noites
Da solidão que deita
E não quer dormir

Sou algo que aconteceu
Sem amor ou carícia
E amargo é meu pranto
Solitário sem você

Para todos nada importa
E mesmo com olhos inchados
Sou feliz por ser
Aquilo que sou

Virá

Virá
O
Modo

Dança
A
Cor

O
Rosto
Alegre

Da
Penumbra
Lisa

Mãos
Que
Apertam

As
Pernas
Passam

Que
Desperdício

Nada
Por
Fazer

Já
Foram

POSR

Para o momento
Entre os vazios
De sonhos e virtudes.
Sisudas fogem e
Invertem o sentido.
Mudam o ritmo
Indo para longe,
Suavizando
O caminho triste.

Ora aqui ou ali,
Porque sem escolha
Todos nós vivemos
Invertendo os sentidos.
Mesmo que em ruínas,
Iremos buscar a luz
Solitária naquela chama
Brilhante e teimosa.

Sonhos altos,
Para encontrar
Indícios de vida.
Rica em valores
Informando que virá
Tudo o que deseja.
Uma maneira diferente,
Ainda que louca,
Luzirá no canto
Iluminando o vazio.
Sairá rápida
Todo brilho é sempre curto.

Rir da desgraça
E começar a cantar
Anima virar a esquina,
Lá onde nada mais
Irá existir,
Sonhe a vida,
Tudo será sempre assim.

Autêntico

Tem a casa,
Sempre
Uma grande pressão,
As melhores.

Para acompanhar,
Uma casual
Para proporcionar
Melhores estilos.

Ao primeiro toque
A hora do último
E no pedido final
A noite não termina.

Jamais

Sinta
Escreva
Transborde
Invista
Insista
Cada linha torta
Um verso único

Tudo acontece
O coração palpita
O prazer da caneta
Na passarela da poesia
Tudo pronto
Desistir
Jamais

Frio e calor

Frio
Que
Entorpece
A
Mente

Calor
Que
Aquece
O
Despertar

Frio
E
Calor
Para
O
Amor

Calor
Da
Alegria

Frio
Do
Cobertor

Tudo
Para
Dois

O
Frio
E
O
Calor

Discurso

Aquela imponência toda
Da autoridade que destrona
Solta verbos e adjetivos
Fazendo crer ter a razão

Chegará o dia
Em que um discurso
Mesmo que de aniversário
Deverá ser feito

Tremendo da base ao fundo
Nunca esqueça
Olhe para todos
Lembre que todos são humanos

Tem as mesmas necessidades
Se é que você me entende
Precisam sentar de vez em quando
E aliviados sorriem para o nada

Todos são humanos como você
E sem trair ninguém
Fale do que lhe convém
Porque a sinceridade é o que vale

Faça seu discurso com calma
Sem se preocupar com o tempo
Porque o bom discurso
É aquele que brota do nosso ser

Cicatriz

Conta-se para fazer a diferença
Inda que nada tenha acontecido
Cada cicatriz é inesquecível
Ainda dá para lembrar a dor
Ruminando nas lembranças
Até hoje zombam de mim

O copo verde

O copo verde da esperança perdida
Nos líquidos que passaram
Sem dar o ar da graça inspiradora
Somente ocupando um espaço

Tudo reluz e brilha
Para dizer que é possível
Lembrar-se das aulas de datilografia
Com teclas verdes sem letras

Oh! Vã esperança que teima em existir.
Nada suporta a dor da tua falta
Da companhia aprazível
Que torna a noite infinita

Tudo o que posso é registrar
Momentos infindos de sua presença
Que me acompanhará sempre
Mesmo que perdido em noites turvas

Não consigo

Não consigo repetir nossa música
Que perdida na lembrança
Já não será a mesma
O momento da lembrança é outro

Tudo o que consigo
É viver nas linhas
Perdidas destes versos
Ouvindo uma música antiga

A dificuldade deste lugar
A cadeira, a cola que me prende
Em sonhos desconexos
Nos quais vejo você sempre.

Tudo acontece sem que eu saiba
Não consigo encontrar você
E na busca saem versos
Escondidos nas estrofes solitárias

Cavernas e humanos

Quando o gás comprimido
Expande sua visão
Ao ser observado distraidamente
Todo o universo muda

Cristais no teto
São estrelas que brilham
Na rocha silenciosa
Habitada por mariposas

Esta caverna como outras
Fascina e encanta
Por esconder histórias
Vidas que por aqui passaram

Quanta lava derramada
Explosões que lançaram mais alto
O artefato que polido
Está agora em minhas mãos

Resta ficar em silêncio
Respeitar as culturas passadas
Que existiram por estas terras
E que banidas foram encobertas

As páginas publicadas
De estudos da região
Deixam muito a desejar
Por não incluir todos os humanos

Resta fazer um esforço
Procurar encontrar o que ainda restou
Aprender sobre como viviam
Nesta região inóspita e de tornados

Diversão

Começa a ficar divertido
Girar o quadrado da existência inútil
Será que a roda começou quadrada?
Depois que alguém se machucou
Retirou todos os cantos
E seguiu seu caminho
Descobriu a leveza e a facilidade
O quadrado pesa e a mesmice é chata
Por isso devo sair do quadrado
Sair deste canto inútil
Para seguir em frente com ou sem ninguém
Claro que sempre melhor com companhia
Ser companhia de mim é chato
Por isso o melhor é se divertir
Em linhas do quadrado
Querendo terminar em círculo

Disfarce

Visões paralelas
Na meia luz
Que como tudo
Sigo sincero

Aquela morena
No balcão entediante
Espanta o sono
Com mais um chope

Enquanto isso eu bebo mais um
Para discretamente
Olhar sobre a curva amarela
A bela disfarçada de musa

Um olhar infinitesimal
E fico escrevendo
Para disfarçar a ansiedade
E em seguida olhar novamente

Canto

Neste canto solitário
Das luzes coloridas
Na dança que passa
Sumindo no acorde

Pisca a mesa
Com todos os seus
Encantos e alegrias
Na graça de ser

A mesa balança
Na leveza do mar
Quando tudo passa
E nada é certo

Aqui no canto
O silêncio impera
Das noites sem fim
Da vida sem nada

Sem título

Queria seguir uma só filosofia
Ser defensor de alguma linha de pensamento
Acreditar ferrenhamente numa ideia salvadora
Apostar todas as minhas fichas numa solução ambiental

Isto é só uma utopia
Jamais conseguiria ser assim
Não sei marchar seguindo passos cadenciados
A rotina é entediante e insuportável

Por isso continuo perdido em meio ao turbilhão
Das ideias e momentos inesquecíveis
Para dar lugar a tudo e todos
Ainda sou inocente e confio primeiro

Acredito que as pessoas não precisam seguir nada
E sim que a cada momento possam procurar
Aquilo que lhes for melhor não esquecendo o amanhã
Para que outros também possam ter a oportunidade

Quem caminha comete erros
A evolução é aprender com eles
Ou então perecer na ignorância de tantos
Que não mediram seus passos e fracassaram

Deserto

Rima a poeira com o sapato furado
Que dos pés nada protege do que fira
Os espinhos são tantos que parei de contar
E a areia entra pelas narinas construindo edifícios

Passaram a galope por mim sem olhar
Derrubaram a última esperança de viver
Sem água é impossível fugir dos abutres
Resta um passo devagar após outro mais devagar ainda

A miragem engana a todo o momento
Já não sei onde você está
Talvez no tremular do ar quente do chão
Ou talvez ao meu lado sem que eu perceba

Resta uma esperança nesta tempestade
Não estamos em Marte e ainda acredito
Pode existir um oásis onde nos encontraremos
Para morrermos afogados em nossa feliz solidão

O tempo que passa já não consegue
Resolver aquilo que se foi
As desculpas são inúteis e um dia chega o fim
O fim do deserto de nossas vidas

Primeira e única

Poetisa querida do coração
Que também declama com altivez
A tentativa poética deste humano
Entremeado nos enredos e enganos da vida

Depois do desastre da estreia que não aconteceu
Além de ser a primeira que nunca se esquece
Será a única que habitará as inspirações passageiras
Que fincam pé em algumas palavras

Inútil encontrar expressão de admiração
Quando me ouvi na sua voz
Sumi com você no horizonte
Para apreciar sua beleza sem ver

Primeira e única que vou eleger para incomodar
Quando tiver algum devaneio sem sentido
Porque basta ter você e tudo o mais se vai
Seguirão sempre os versos e estrofes que nos separam

Concerto

Aquele acorde inicial que corta as entranhas
Bate a cada coração de emoção
Trazendo o profundo da existência
Que não se importa com a forma

O conteúdo interessa
E a forma muda com o passar do tempo
A criança, o jovem, o adulto e o jovem há mais tempo.
Ridículo ficar procurando adjetivos para o velho

E ainda tem aquela mensagem idiota
No fim de noite da falta de amores
Que teimam em não cair nos braços
Dos amantes da madrugada que gozam extasiados

Tudo por um concerto com grande público
Espetáculo que não se perde por nada
Para dar fim na mediocridade que por ser fácil
Quer continuar existindo na ignorância imposta

Cada parte soma uma exponencial de vivências
O solista que tira do fundo do cadinho todo ouro
A música perfeita com a bateria ensurdecedora
Tudo por um concerto ao vivo antes de morrer

Semente

Cai na terra quente
E espera o momento
Para na lua crescente
Apontar o firmamento

A subida sem acidente
Busca a luz e foge do cinzento
Para com prazer atraente
Espantar qualquer desalento

Passa aqui o carente
Sem seu provento
Olha a semente
Para esperar novo rebento

Antes que você comente
Meu amor eu saliento
Enquanto o tempo claramente
Mostra meu sincero intento

Quero sempre contente
Rogar ser possível parar o vento
Para germinar audaciosamente
Meu amoroso sentimento

Calendário

Espera na parede
Marcando o tempo que não passa
As folhas soltam fácil
Para retirar aquele peso
Quando no final do ano
Nada mais importa
Se feito ou não

A pressão do calendário é grande
Aquilo que precisa ser feito
Sem saber seu sentido
Decisões às vezes nossas ou não
Quando nossas nem lembramos
Estão lá e como é bom quando passam

Volto no calendário do passado
E os compromissos não realizados
Foi o que de melhor aconteceu
E não fizeram falta nenhuma

Olhos verdes

Ponto de referência
Na janela entreaberta
Olhando de soslaio
Admirando a curiosidade

Vários tons de verde
Das folhas alegres ao vento
Ao verde murcho da hortaliça
Que com garra resiste ao sol

O grilo verde na grama
Foge da curruíra esperta
Que hoje vai preferir
Aquele outro inseto não verde

Olhos verdes a nada se comparam
Descem para junto dos viventes
Valem mais que minas de esmeraldas
Porque seus raios dilaceram toda tristeza

A partida difícil foi necessária
A lembrança foi companheira
Com todo fulgor de seu encanto
Para agora correr solta nestes versos

Caramba carambola

Carambola cresce um dia
Noutro amadurece
Sem avisar cai na calçada
E é preciso cuidar pra caramba

Tudo um dia alto
Outro baixo
Como a carambola
Da calçada sobe a mão

Já passa o dia
A senhora vem
E antes que caia
O fruto ela leva

Fico lembrando
O que cresce sem eu ver
O amor que percebo
Faço de conta

Pode um dia estar no alto
E uma mão carinhosa
Vir pegar com ternura
O fruto doce para sempre

Pode um dia
Assim como a carambola
Cair e se perder
O amor que um dia existiu

Explosão

Com o nada
Tudo começou
Sem saber por que
E para que

Vivemos atormentados
Querendo saber
E o medo do fim
Persegue nossa sombra

Estamos juntos
E cada vez mais separados
Lamentamos a falta
E construímos muros virtuais

Todos se perdem
Onde tudo começou
O vazio
Pronto para explodir

Começar o novo
Sem saber por que
E para que
Sabendo somente que é preciso

Canto de improviso

Começo aqui neste canto
Sem pressa para terminar
Quando devagar o encanto
Já inicia por animar

Entre cantos fogem os vultos
Como névoa ao sopro das memórias
Na direção de locais mais elevados
Enquanto aqui inspiro mais um desalento

Um exercício difícil
Querer encontrar o que não se mostra
Aquilo que pode ser condensado
Para cantar a qualquer momento

Anunciar para todos
Que tudo pode ser melhor
A letra da inspiração
Perdida e recomposta

Poesia é silêncio
O canto da brevidade do jardim
Rápido como beija-flor
E delicado como a borboleta

O prejuízo

Hoje é o dia da redenção,
Com uma música forte
E pesada para dar leveza,
Aqui neste lugar.

Espaços vazios de prejuízo.
Sim, porque poderiam ter
Mais três consumidores.

Não podia ser melhor,
Dane-se todo mundo.
Hoje quero ficar aqui
E que venham os olhares
Atravessando como uma faca
Na garganta do lagarto.
Que se apoderam de tudo,
Menos deste mortal,
Hoje não arredo o pé daqui.

Aqui é melhor

Aqui o melhor lugar
Da brevidade artesanal
Que esconde o ambiente
Com pitadas de mostarda.
Clara ou escura não importa.
Uma pimenta enfeitiça o desavisado,
Faz chorar a raiz forte
Que foge do sul.
Onde estarão as pessoas?
Três, sendo mais preciso.
Azar o delas,
Não sabem que hoje seria melhor
Trocar um olhar,
Uma conversa,
Só para saber que aqui,
Aqui é melhor
Do que a solidão
De um quarto vazio
De paredes brancas e desalmadas.
Aqui é melhor!

Brinde

Brindo as indefinidas
Aquelas que algum dia
Ano passado ou retrasado
Disseram que um dia viriam

Brindo a alegria
Deste copo amarelo gelado
Bem definido
Pousado sobre o balcão

Brindo aquilo que realizo
E que você não pode tomar
Dizer ser teu
Ou possuir um dia pela força

Brindo estar aqui
Poder sonhar sempre mais
Para definir meu ser
Que de brinde ainda existe

Retorno

Um sono de cansaço infindo
Acorda com calma,
Sem distinguir se dia
Ou a noite após um dia.

Um celular perdido na estante.
Sem óculos é difícil a manhã.
Enfim, sobem as cangalhas.
Lá está seu sinal de mensagem.

Um vírus verde pálido,
O retorno do sinal vazio,
Da poetisa que um dia
Habitou este espaço de paixões.

Um poema certo e sincero,
Naquele momento de corpos separados.
Mentes unidas numa possibilidade
Que o coração ainda possa aguardar.

O lugar de promessas
Já não vale mais,
Mesmo sentado ao lado
A memória quer apagar sua beleza.

Resta retornar neste canto
Que nunca abandona.
Na alegria ou na tristeza
Para o que der e vier.

Fim de noite

Noite mais triste
É aquela que só,
Na frente do teclado,
Teima não querer dormir.

Para que a noite seja curta
E adormeça na alegria
É preciso sonhar com braços
E abraços sem fim.

Movimentos intensos
Na noite escura,
Do lusco fusco dos gemidos,
Da intensidade do prazer.

Tudo um sonho,
Acalentado pela canção
Comfortably Numb,
Que espero dure para sempre.

Segundo

Aqui,
Milhares de anos
Perdidos na dúvida.

Quando nada se regenera
Nada se conserta.
Tudo se espera,
Para na manhã seguinte
Esquecer o sonho magnífico.

Sem medo ou receio
De não ser mais nada,
Como o segundo original
Que nunca existiu.

V & E

Vinga a semente
Intensa na vida
Nada escapa da umidade
Hoje as raízes
Ontem o sol
Saudando o fruto do amanhã

E tudo é melhor...

Enquanto rimos da saudade
Sonho com a bolha
Perfumada que emerge
Umedecendo a secura
Melindrosa de nosso fim
Antes do último brinde
Nunca termino
Tudo pode ser
E mais ainda é minha
Saudade tua que borbulha

Amor impossível

A tormenta de sua ausência
Segue ao lado
Em frente
E sempre

Sem saber
Busco em cada acorde
Sua luz que inebria
A noite mais gelada

Sonho de um amor
Impossível para todos
Perdido nas vagas
Da solidão sem traços

Aquilo que espero
Pode não ser mais
E mesmo triste
Em pedaços sou feliz

O prazer de conhecer
A pessoa especial
Que tornou a noite em dia
E aqui sempre estará

Quadros

Olho a parede verde
Com seus quadros
De cartazes antigos
De Festas alegres

Hoje
Com todo barulho
Os quadros mudos
Espreitam o futuro

Jamais sonharam
Que estariam lá
Ou que saltariam
No abismo destes versos

Olho novamente
O quadro continua lá
Em silêncio profundo
Esperando quem olhe com saudade

Azul

Seus olhos azuis
Brilham mais
Que o infinito azul
Da presença marcante

Quando o mar azul
Encontra a areia
Na espuma livre
Encontra também seus olhos

Confuso retorna
Bem devagar
Para desaparecer
No azul infinito

Céu azul
Que navega suave
A brisa com graça
Nas mãos da fada azul

Ensaio

A felicidade dos encantos
Fui buscar no fundo
Porque o mundo
Brilha todos os prantos
Dos últimos cantos
Para que não aconteça
Antes que esqueça

Surpresa

Desce o verde
Nos poucos fios de luz
Refletindo o céu
Naquele caminho de sempre

Passando entre troncos
O vento forte assovia
Para ser companhia
De mais uma tempestade

Nada por fazer
O rio calmo encrespa
E ondula a chuva
Deslizando compassos

O lugar de proteção
A maior árvore
Que convida com sua força
E não consegue segurar o galho

Uma batida seca e rígida
Ao lado tudo estremece
Foi o raio que quis
Acompanhar a surpresa

Silêncio
Poderia ter sido o fim
Na cabeça parou
Para aqui lembrar

Posição estratégica

Nesta mesa elas desfilam
Seus olhares discretos
Num rebolado sincero
De pernas inquietas

Esqueci como é divertido
Sentar aqui e observar
Esperar o vento vir faceiro
Para olhar discretamente
O que se mostra
Sem perceber

Noite sensual

Aquela música
Cantada com emoção
Arrepia de alto a baixo
Quando a noite vem feliz

Quanto tempo sem esta chama
A vida que irrompe
No fim dela mesma
Para se perder mais uma vez

Tudo passa

Na minha idade
O certo é que tudo passa
A água corre
E um dia evapora

Tudo segue em frente
Até quem morre
Um dia vira pó
Ou peça de museu

Ainda bem que isto
Acontece com ou sem
Meu consentimento
E nada devo fazer

É deixar fluir
E como explorador
Ter curiosidade
Para não dar passo em falso

Tudo passa
Inclusive as tristezas
As alegrias
Os segundos do relógio

Maravilhoso saber disto
Pena que somente depois
De tanto tempo gasto
Pensando que tudo permanece

Noite

Noite que escura
Vem tranquila e serena
Carregando grilos e vaga-lumes
Já espreita a lua alta
Entre nuvens sem ver
O que passa lá embaixo
Sem sol
A mesma noite
Todas as noites

Nenhuma

Nenhuma palavra
O silêncio completo
Na penumbra
De um balcão

Pode a música
Animar os desesperos
De um dia sem fim
Que termina a cada copo?

Fuga entre pontos
Para jamais saber
O que poderia ser
Sem saber da perda iminente

Procurar coisa nenhuma
Jamais começar de novo
O corpo por ter
Na cor areia que se foi

A fuga rápida
Do momento
Da ilusão
Melhor que nenhuma palavra

Nenhuma inspiração
Para tristeza dos versos
Sobra o copo vazio
E o pote de amendoim

Labirinto

A noite redonda
Que quadrada busca o labirinto
Do que jamais
Será um caminho
Por fazer
Sem que nada possa deixar
Volta
Segue o rumo
Muda o prumo do existir
O próximo está longe
A luz já se apaga
O sonho prossegue
No giro maior
De saber quando será o fim
Do sem fim de estar aqui

Agito

Pula a corda do dedo
Passa mais rápido
Toca fundo que vou
Morrer na próxima
O momento já passou
Já passou o errante
E todos se iludem
Pensando que ainda presente
Nada pode escapar
Ser o que é importa
O resto é só agito

Aquela noite

Sigo nesta mesa
Vazia de seus encantos
Salivando aquele beijo
Longo e ardente ao som forte

Pela magia somos tomados
E criados pelas pessoas
Aqui só por nós
Sem jamais desaparecer

Você ao meu lado
Aquele abraço intenso
Na alegria do riso
Insinuando um toque a mais

Fico parado como estátua
Como cubos de gelo
Traduzindo meu amor por você
E assim derreto toda solidão

O sonho

Estava escorrendo pela rua
Preso nas amarras do passado
Cada vez mais carregado
Das inutilidades da vida

Cair dentro da boca de lobo
Foi a libertação tão almejada
Que faltava para continuar
Será um sonho?

Maldito relógio
Começou a tocar o desespero do dia
Para tirar o encanto
De navegar sem bússola

O que temos lá embaixo?
Só a escuridão e o barulho
Da gota que cai sem querer
Trazendo também o fim do sonho

Procura

Difícil procurar
Porque é preciso sair
Tirar a bunda da cadeira
Arriscar o desconhecido

Cada momento
Seria o mesmo
É preciso arriscar
Para não estar aqui

Procurar você
Na paisagem que descubro
Cobre aquilo que lembro
Daquela que amo

A calmaria de seus passos
Com meiguice carinhosa
Num olhar evasivo
Instiga procurar sempre

Ciclo da vida.

Broto deste chão
Sem saber o que virá.
Na vontade firme
De espiar o sol.
Minha condição
Não é a melhor,
Sigo como rouxinol.

Outro dia um clarão
Assustou rápido.
Parecia ter chegado
Ao fim minha jornada.
Rápido parei
Para apreciar
O dia a dia em seu nada.

Como posso sossegar
Se o passo é em frente?
Labuto horas a fio
Ante o descaso.
Daquilo que já foi
Só um presente,
Disfarçado num sorriso.

Antes que venha
O brilho intenso.
Sempre mais quero
Ao mundo pertencer.
Para quem sabe,
Antes do fim um dia,
Inteiro, encontrar meu ser.

Reflexo

Reflete a luz
No espelho do encanto
Dos seus olhos brilhantes
Que ofuscam qualquer joia

O rio que passa
Nos pés duros
Da existência sem graça
Foge para sempre

Procuro ver meu ser
Nada escapa
Ao olhar atravessado
Inesquecível até hoje

Quero ver você
Mesmo que num reflexo
Na imagem do espelho
Das conexões que resistem

Lembranças de você

Corri pelas montanhas
Subi escarpas até sangrar
Em vão tentei fugir de você
Do seu olhar furtivo

Tudo passa e sempre volta
Quero esquecer sua voz
Que ouvi na primeira vez
Derrubando muros entre nós

Já não sofro mais
Porque nada mais quero
Além das lembranças
Do sorriso entre estrofes

Para viver sonho acordado
E mais um dia espero feliz
O dia que não mais precisarei
Somente lembrar você

Corrida

Corrida contra o tempo
A tristeza da ultima música
Em dois por dois
Para fugir rápido

Cada compasso
Passa muito rápido
Quero ficar aqui
E armar as tendas

O dia vai demorar
A lua segue calada
Ante o belo
Da música eterna

Chegamos ao final
E com tristeza
O pedido da última
Ressurreição que acontece.

Uma última canção
O Raul da nossa razão
Que no encanto
Busca não ter opinião

Viver bem?

Todos buscam
O tempo todo
Estar melhor
Ser melhor do que o outro
Porque no fundo tudo é comparação
Uma luta incessante
Que no apogeu revela sua face
Face de tristeza e melancolia
Porque sempre teremos
Algo mais que iremos querer

O que fazer?
Não se importar com a busca
Aquele isto ou aquilo
E sim buscar o processo
Quem buscar ser
No processo das relações
Da vida que parte sem rumo
Seguindo na direção do existir
Descobrirá a felicidade
A emoção das relações
Que a todo o momento acontecem

Pensar menos algumas vezes
Para ter melhores resultados
A intuição como fiel companheira
Sempre será melhor do que a razão
A explicação mesquinha para tudo
Vamos viver bem
Sabendo que nem todas as perguntas
Precisam de respostas

Outro lado

Muro enorme.
A barreira.
O desencontro.
Estou perdido.

Uma escada
Muito velha
Vai até o alto
E tem degrau quebrado.

Estou com frio
E o escuro
Causa medo.
Ainda sei fazer fogo.

Agora aquecido
Fico pensando
Sobre o que fazer
Quando o fim chegar.

Olho para o alto,
Ficou mais longe
E sem forças
Vou ficar aqui.

Percebeu a cena?
O muro exige mudar.
Subir a escada
Para viver melhor do outro lado.

Estrelas

Todas em qualquer lugar
De alto a baixo
Brilham intensamente
Nossas estrelas, nossas vida.

A beleza que encanta
Por alguns segundos
Já pode não existir
E isto também não importa

Impossível adivinhar
Quando as silhuetas sensuais
Passarão em meio às nuvens
Para serem guias na escuridão

Cobrem a poça de água
Com seus pontinhos distantes
Para emocionar o distraído
Antes da queda

Por nós serão sempre admiradas
Justamente por não sabermos
Na esperança de algo melhor
Uma visão melhor do céu

O poema

A cada verso
Uma parte
Das várias estrofes
De um poema

Tem início? Tem.
Tem meio? Tem.
Tem prazer escondido
Tem fim? Tem sim.

Começa
Livre
Entre conexões
De nada com tudo

O poema é prisão
Das palavras
Que buscam sua leitora
Ou seu leitor

A cada leitura
Nasce um novo poema
Que sempre será um todo
Maior que a soma das partes

Dificuldade

A dificuldade não existe
Existe a falta de entendimento
Para algumas vezes deixar os cacos no chão
E pular para seguir em frente

As coisas passam e as atitudes ficam
Por mais que a dor possa ser maior
O desespero é um placebo
Nunca poderá remediar o perdido
É preciso ir ao novo

O medo fica apavorado
E o desespero se enfraquece
Quando sei que eu crio os monstros
E também posso dominá-los
Até o último acorde
Da música frenética que pula nas cordas

Tudo é uma dificuldade o tempo todo
Engana-se o primeiro verso
A dificuldade existe para provar cada um
E tirar lá do fundo o nosso ouro

A vitória é o brilho que reluz
Pronto para o próximo desafio
Mesmo na dificuldade
Até o verso pode terminar
Na expectativa de outro amanhã

O fim

Dor intensa que reluz nas sombras
Trazendo a gratidão de mais um dia
Agora uma noite de dúvida se aproxima
Porque amanhã já não saberei como será

Quanto tempo de mágoa e rancor
Para muitos um desespero eterno
De jamais saber quando a esperança vem
Para acalentar a felicidade do paraíso

Todos riem dos tempos de outrora
Em que acreditavam em algo
Morre a senhora com seu clamor
Confessando seu arrependimento

Não deveria ter sido tão séria na vida
Deveria ter levado tudo com mais leveza
O fim para todos é a mesma tristeza
Porque aqui e agora não sei se lá é melhor

Assim, vivo com calma.
Na dúvida da memória do amanhã
Guardo escritos alguns pensamentos
Que possam me socorrer quando tudo terminar

Sonho

Feliz por estar vivo
Vivo para sonhar
Sonhar com você
Você minha querida

Aquela que surge
Surge nas brumas
Brumas de um beijo
Beijo

Como é bom sonhar
Sonhar que sonho
Sonho o tempo que quero
Quero você sempre

Desencontro

A vida é um jogo de mal entendidos
Um ouviu e o outro já sabe
Passam dias e ninguém sabe
Existem acontecimentos simultâneos

Tudo continua perdido
Em todo caminho por fazer
Dane-se quem pensa
Ou acha que é só o centro

Existe uma verdade
Nada pior que péssimos encontros
Aqueles de sorrisos forçados
De abraços frios
Mais frios que geladeira
Caindo duros de tristeza

Nem uma bebida ajuda
A esquecer do desencontro
Que vive em mim
Sem encontrar aquela que amo

Luz amarela

Mela
Vela
Aquela
Amarela

Luz alumia
O destino fim
De um copo
Gelado amarelo

Inerte o balcão
Pela luz amarela
Papéis amassados
No cesto amarelo

Passa o tempo
Sem luz e sabor
No riso que foge
Como luz amarela

Prateleira

Ali pode estar
Sem muito peso
Estrondo enorme
Cristais desabam

Vidros redondos
Venenos de filmes
Em meio às teias
A espera da presa

Garrafas escuras
De verde musgo
Guardam o fim
Do último gole

Tábuas cheias
Caixas no alto
Guardam momentos
Que já não sei

Sua falta

A sua falta
A noite quer
Em cada canto
No escuro do breu

Corre a estrada
Alcanço o desejo
Perde a presença
A sua lembrança

Fará alegria
Talvez uma chance
Mais uma vez
Antes do fim

Se ninguém

Se ninguém visse
Estaria pulando pra lá e pra cá
De corda em corda até cair
Ninguém estaria vendo

Se ninguém visse
Quando triste iria chorar devagar
De gota em gota até afogar
Ninguém estaria vendo

Se ninguém visse
Iria gritar alto quando discordasse
Até todas as pedras ouvirem
Ninguém estaria perto

Se ninguém visse
Iria pular amarelinha no pátio
Enquanto o sol estivesse procurando a lua
Ninguém estaria perto

Calor

Escorre o tempo
Nas gotas salgadas
Deste calor infernal
Que nada deixa para trás

Mudar de posição
Deitar de lado
Contorcer-se
Ficar na rede
De nada adianta

A ferramenta escorrega da mão
E o martelo cai sobre o dedão
Ai que dor
Um arrepio e um grito
E o calor agora é mais forte

Todo verão é a mesma poeira
Que gruda para descobrir
Testar quem é mais forte
Sempre vence
Aquele que encontra uma sombra

Acordar

O frio de surpresa
Gela os pés
Na rajada do amanhecer

Sobe aos poucos
Escalando este corpo
Que ainda molhado
Pinga suave
Suas últimas gotas

A maciez cobre a mortalha
Peça por peça
Parte por parte

Para frente ao espelho
Contemplar os traços de ontem
E olhar como será
O dia em sua mesmice

Fazer isto
Ir ali
Mudar para cá
Só para confirmar
Que a vida é uma chatice

Cláudio Loes é filósofo, engenheiro elétrico e escritor, com especialização em Educação Ambiental. Desenvolveu e coordena o projeto Aqui Livros para incentivar a leitura pela socialização e circulação dos livros.

claudioloes.ecophysis.com.br